

Alguns aspectos do messianismo na filosofia e na teologia

Prof^a Me. Mariza Galvão¹

O primeiro Simpósio de Letras nos convida a dialogar sobre um tema bem atual: “O messianismo sob a ótica da literatura”. A minha contribuição é trazer para o Simpósio um tema transversal. Eu tratarei de “alguns aspectos do messianismo na literatura filosófica e teológica”. Tentarei fazer uma apresentação breve e simples a partir de três aspectos:

1. O que é messianismo.
2. Aspectos do messianismo na filosofia grega.
3. Aspectos do messianismo na teologia a partir da figura de Jesus.

Fiquei sabendo do tema do simpósio pela professora Danielle; no momento, me deu um grande desejo em participar do simpósio, mas a confecção da semana já estava praticamente sendo finalizada. Como obra da natureza das coisas que devem acontecer, encontrei a professora Maria Teresa Ginde, a nossa Prof^a Teca, dialogamos sobre o tema e o entusiasmo dela me animou - e muito.

O tema messianismo é um tema que tem sido presente em minha vida por aproximadamente quinze anos. Desde que iniciei meus estudos teológicos, sempre desejei estudar as manifestações religiosas e principalmente as messiânicas, o estudo da filosofia também me proporcionou o contato com as idéias messiânicas. Apresentar o tema messianismo a partir da ótica da literatura teológica e filosófica é, como eu já disse, uma contribuição transversal para este simpósio, mas, ao mesmo tempo, o lugar comum do pensar teológico.

1. Mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, Brasil (2003)
professora da Universidade Católica de Santos, Brasil

Eu menciono a expressão “o lugar comum” porque o termo messianismo nos faz associar imediatamente com o Messias, já que messianismo é a crença na vinda do Messias, e Messias, com a identificação imediata a Jesus. O Filho de Deus, o que socorreu a humanidade e morreu por ela. Paralela a esta idéia, messianismo é a espera em alguém que irá socorrer alguém, um grupo, uma situação. Nesse segundo sentido, há no messianismo a idéia do herói ou do mito do herói. Fora a ligação direta com Jesus, a contingência humana transita pelo ideário do herói ou do mito do herói.

Na infância, as histórias contadas têm sempre um herói, um salvador, da boa e velha moral. O herói no mundo infantil é o que tem força, é o que luta pela justiça, luta pela vida, mesmo que com força contrária, ou seja, mesmo que pela violência. O aspecto da violência fica por pouco imperceptível, pela dinâmica ativa do herói que é salvar alguém ou a boa ordem.

Esse aspecto é também percebido na filosofia. Para Jaeger, estudioso da história da filosofia grega, o mestre dos heróis é o centauro Quíron, figura híbrida, meio homem e meio cavalo. Quíron surge do relacionamento do Titã Cronos, que se transformou em cavalo para se unir a Fílira. Apesar de sua forma, ele não era um selvagem, era sábio e justo, inclusive seu nome estava ligado a um poema que continha a sabedoria pedagógica.

Jaeger também diz que Quíron foi mestre de Aquiles, Aristeu, Aclépio e Jasão, mas em Ilíada, Homero coloca Fênix no lugar de Quíron, como o Educador da educação ética de Aquiles. Abro um parêntesis apenas para lembrar a vocês quem foi Aquiles. Foi um grande guerreiro da Guerra de Tróia, podemos dizer que o personagem principal da Ilíada de Homero, e que era considerado como o mais belos dos heróis, mas de calcanhares vulneráveis - o que conta uma das versões é que ele foi morto por ter sido atingido no calcanhar por uma flecha envenenada.

Em *Ilíada*, encontramos a construção da formação do herói que tem como base a educação aristocrática. Foi impressa em Aquiles a consciência do herói, que era um alto grau de conduta humana transmitido pela tradição; mesmo assim, um outro estado foi presente em Aquiles, a irracionalidade e o desvario da deusa Ate.

Homero mostra a dupla possibilidade que está no herói, a virtude humana e o desvario; no entanto, há no herói o socorro das forças divinas, que se ocupa a orientar o herói em seus momentos de delírio. Por um lado, o herói é protegido pelo conhecimento da conduta do bem, por outro lado, é protegido pelas forças divinas. O herói não pode se afastar da conduta do bem, para não cair nas mãos de Ate, que é as mãos do mal.

A formação do herói mítico era permeada de uma educação acentuada pela força, virtude e ética. A educação do homem grego era integral e atingia todos os aspectos do seu cotidiano. As virtudes de honra e respeito eram o ponto central de sua formação, não dissociada da técnica, que era o conjunto de conhecimento e aptidões.

Para Jaeger, todas as manifestações virtuosas do homem grego foram primeiramente vivenciadas para que, posteriormente, tornassem leis do estado. Este conjunto de possibilidades da formação era que dava o sentido de ideal, de beleza e de heroísmo ao homem grego.

A arete, que significa virtude, era o ponto central da formação do homem grego. O que era pontual na virtude era o ideal de homem, não apenas pelas reservas morais que dão significado ao termo, mas também pelo ideal de homem cortês e herói. É por isso que, para Jaeger, a acepção do termo deve ser buscada nos poemas de Homero. Ele diz que Homero não entende a palavra apenas no sentido de virtude, mas também no de qualidades morais, espirituais, força e destreza de guerreiros ou lutadores, heroísmo e honra. Tanto a formação do herói quanto a formação do cidadão da polis consideravam uma educação virtuosa.

Jaeger diz que há em Homero um entendimento polissêmico para Arete e que, em seus escritos - *Ilíada* e *Odisséia* -, essa dinâmica foi presente produzindo a ideia da formação do

homem. Considera-se que Homero foi o grande educador da Grécia e que há na Odisséia a apresentação de valores humanísticos, porém tais valores vistos na medida de adestramento seguido de conselho constante e direção espiritual.

Penso que não podemos deixar de lado a figura de Sócrates, como outra formulação do ideário de herói e do ideário messiânico. Inclusive peço licença ao grande mestre Sócrates para fazer esta comparação, já que o termo messianismo também tem a ver com uma ótica religiosa, que é a espera do salvador.

Apesar de saber da crítica que há entre os estudiosos da filosofia clássica sobre a apropriação do pensamento filosófico de Sócrates, Platão e Aristóteles, pela filosofia medieval, numa ótica religiosa, deixo bem claro que não é a minha intenção, aqui, tornar o pensamento de Sócrates em um pensamento meramente religioso. Mas em percebê-lo como figura emblemática que causa distinção, a distinção do herói.

Apesar do atrativo de a figura do herói ser o líder que vence a guerra para cuidar, preservar e até salvar um grupo. Esse tipo de atrativo não personifica Sócrates e Platão como os heróis. Mas há um outro tipo de atrativo, que dá, a essa figura, o emblema do herói, o emblema messiânico, que é a Paidéia, ou seja a formação, a educação do homem grego.

Jaeger, diz que “Sócrates é uma dessas figuras imortais da história que se converteram em símbolo”. A figura ímpar de Sócrates fez com que o Cristianismo o apresentasse como mártir pré-cristão. Erasmo de Roterdã era um religioso da ordem de Santo Agostinho, um devoto das sagradas escrituras e da filosofia, e, de forma ousada, orava por Sócrates dizendo: Santo Sócrates, ora por nós!

Associar Sócrates a um santo não fez parte apenas do imaginário de Roterdã, como de outros do período da Idade Média, porém, o nome mais famoso na Idade Média foi o de Aristóteles. Sócrates ganhou verdadeira fama no período do Iluminismo. Vejamos o que Jaeger diz sobre Sócrates: “guia de todo o Iluminismo e de toda a filosofia moderna;

apóstolo da liberdade moral... o evangelista da nova religião terrena e de um conceito da bem-aventurança atingível nesta vida mercê da força interior do homem e baseada, não na graça, mas na incessante tendência ao aperfeiçoamento do nosso próprio ser.”

Analisando esse trecho das palavras de Jaeger percebemos um vocabulário um tanto religioso para a figura de Sócrates. Vamos destacar as palavras:

1. Guia.
2. Apóstolo da liberdade moral.
3. Evangelista da nova religião terrena.

A partir dessas expressões, não tem como deixar escapar uma percepção religiosa para a figura de Sócrates, mas por outro lado Jaeger apresenta algumas antíteses para uma ordem religiosa cristã.

1. Um conceito da bem-aventurança atingível nesta vida.
2. A bem-aventurança alcançada pela força interior do homem.
3. Bem-aventurança não alcançada pela graça, mas pelo aperfeiçoamento do próprio ser.

De um lado, temos três proposições que denotam um Sócrates messiânico cristão; por outro lado, três proposições do messiânico filósofo. Ele é guia, apóstolo e evangelista, mas podemos nos perguntar, guia, apóstolo e evangelista do quê? Do conceito da bem-aventurança atingível nesta vida; da bem-aventurança alcançada pela força interior do homem e da bem-aventurança não alcançada pela graça, mas pelo aperfeiçoamento do próprio ser. Sócrates ajuda o cidadão da polis a alcançar a bem aventurança que está no próprio cidadão.

A partir dessas proposições, Jaeger diz que “Todas as ideias éticas ou religiosas que apareciam, todos os movimentos espirituais que desabrochavam invocavam o seu nome. E

este ressurgimento de Sócrates não respondia a um interesse meramente erudito; nascia de um entusiasmo direto pela personalidade espiritual daquele homem, que as fontes gregas recém-descobertas, principalmente as obras de Xenofonte, revelavam”. Jaeger confirma minha intuição em aproximar Sócrates da figura messiânica, já que cabe a ele ser evangelista da nova religião terrena.

No pensamento cristão, o guia, o apóstolo e o evangelista propõem ao homem as bem-aventuranças, como aquilo que Deus quer. Sócrates sendo guia, o apóstolo e o evangelista, propõe aquilo que é o melhor ao próprio homem, elaborado por ele mesmo.

Coube à filosofia, através de Sócrates, aprofundar na natureza da razão com um empenho teológico racional. O Iluminismo resgata essa natureza com o culto Socrático, mas não apenas os filósofos, como também os movimentos piedosos que eram contra uma teologia da razão aceitam Sócrates e, como diz Jaeger, a aceitação era por uma afinidade espiritual.

Nesse sentido, parece que não dá para escapar da comparação da figura de Sócrates com a figura de Jesus. Quem não conhece muito bem Sócrates, pode estar se perguntando o porquê da comparação.

Vamos fazer agora uma breve apresentação de Sócrates a partir do livro Apologia de Sócrates. Talvez assim fique mais claro o motivo dessa comparação. Sócrates foi acusado de “pesquisar indiscretamente o que há sob a terra e nos céus, de fazer que prevaleça a razão mais fraca e de ensinar aos outros o mesmo comportamento”, de corromper os jovens e de não adorar as divindades. As acusações foram feitas pelos sofistas Anito, Meleto e Licon.

Além das acusações, questionaram a ocupação do filósofo, dizendo que, se ele não tivesse uma ocupação muito fora do comum, não haveria o falatório, a menos que praticasse alguma extravagância.

Sócrates tentou esclarecer a procedência das reputações caluniosas. Ele diz aos atenienses que a reputação provém da sabedoria e da sabedoria humana que ele possui. Para demonstrar o que diz, cita Xenofonte, que era seu amigo desde o tempo da juventude, pertencendo ao partido popular. Xenofonte arriscou consulta ao oráculo, perguntando se havia alguém mais sábio que Sócrates. A pitonisa respondeu que não existia ninguém.

Sócrates também consulta o oráculo, muitos homens, dentre eles os oradores, os poetas e os artífices, e todos percebem que não têm respostas às refutações de Sócrates. A resposta que a Pitonisa deu era certa, no entanto, ele apresenta a frase que já conhecemos: “sei que nada sei”.

Ele afirma aos atenienses que é dessa investigação que procederam tantas inimizades e que tal ocupação de sábio não trouxe benefício, pois tal ocupação não lhe permitia lazeres, inclusive ele disse que “vivia numa pobreza extrema, por estar ao serviço do deus”. Aqui, Sócrates confirma que ele não nega o deus, pelo contrário, está a serviço dos deuses.

Sócrates diz a Melete e a Anito que, se for condenado, não são eles que condenarão Sócrates. Vamos ver como Sócrates diz isso: “o que me vai condenar, se eu for condenado, não é Meleto, nem Ânito, mas a calúnia e o rancor de tanta gente; é o que perdeu muitos outros homens de bem e ainda os há de perder, pois não é de esperar que pare em mim”.

Sócrates não tem medo de ser condenado à morte. Para ele, quando se toma uma posição, deve-se ter convicção, deve-se levar adiante todo e qualquer risco de morte, mas salvo a desonra. Pois, temer a morte é como acreditar ser sábio, sendo que ninguém sabe o que é a morte. Mesmo desconhecendo a morte, Sócrates sabe que é mau e vergonhoso praticar o mal. Por isso, ele diz que jamais fugirá do que não sabe e jamais negará uma absolvição que tenha como fim o abandono à investigação e a filosofia.

Para Sócrates, a sua morte causaria um dano maior aos seus acusadores que a ele mesmo. Ele disse que outro igual não terão facilmente, já que ele foi como um pai, um irmão mais velho, na persuasão ao cuidado da virtude, a prova de tudo foi sua pobreza. Sócrates não cobrava por seus ensinamentos, o contrário fazia os sofistas.

Sócrates foi condenado, com diferença de apenas trinta votos. Para os que o condenaram, ele disse que foi condenado não por falta de discurso convincente, mas por falta de atrevimento, por se recusar a ter um discurso dramático movido de gemidos e lamentações. Que ninguém deve lançar mão de todo e qualquer recurso para escapar à morte. Mas o mais difícil que escapar à morte, é escapar à maldade.

Os discípulos de Sócrates, dentre eles Platão, ofereceram fiança, mas Sócrates não aceitou. Sócrates fez seu último pedido: pede que castiguem e atormentem seus filhos, da mesma forma que ele os infligiu, se acharem que seus filhos estão cuidando mais da riqueza do que da virtude.

Se isso for feito, Sócrates diz ser justificado. Ele se despede dizendo que não se sabe o melhor rumo, o da vida, ou o da morte, pois isto é um segredo, menos para a divindade. Em Apologia de Sócrates temos o relato de seus últimos momentos, e pouco relato do que foi sua investigação e sua forma de ensinar. Sócrates não escreveu nada, tudo que sabemos sobre ele devemos aos que se encarregaram de apresentar seu pensamento, Platão e Xenofonte. Eles fizeram isso tão bem através dos diálogos, que a herança espiritual de Sócrates e sua personalidade humana estão vivas até hoje.

Como diz Jaeger, Platão apresentou Sócrates como “o criador da teoria das ideias, da teoria da reminiscência e da preexistência da alma, da teoria da imortalidade da alma e da teoria do Estado ideal. Numa palavra: era o pai da metafísica ocidental”. O movimento socrático via Sócrates além de um filósofo, um herói moral.

Ter ensinado a partir da ética e da moral, ter morrido por sua prática de vida fez com que muitos associassem Sócrates a Jesus e vendo, nos dois, figuras messiânicas. Os

aspectos messiânicos de Sócrates era, entre outras palavras, salvar a juventude da ignorância, através de uma educação que primava pela virtude, o bem e a felicidade.

Por coincidência ou não, a condição da literatura sobre Jesus é a mesma da literatura socrática: ambos não escreveram nada, mas foram muito bem apresentados por seus discípulos. Antes mesmo de Jesus aparecer no mundo já era proclamada a sua vinda pelo movimento profético judaico, entre os períodos do VII a II séc. a.C. A espera do Messias era a espera do salvador, que iria libertar o povo Judeu das mãos dos invasores.

Mesmo com as controvérsias das datas do nascimento de Jesus, é certo que quem o apresenta são quatro discípulos escritores: Marcos, Lucas, Mateus e João. Os três primeiros são conhecidos como os escritores sinóticos, que apresentam grandes semelhanças em suas narrativas sobre Jesus. As semelhanças parecem ter o propósito em apresentar uma verdade incontestável.

Marcos foi o primeiro a escrever sobre Jesus nos anos 70 da nossa era, se é correto que Jesus morreu nos anos 30, provavelmente quarenta anos depois um registro sobre ele foi apresentado. Segurar na memória todos os fatos foi tarefa de muito esforço.

Não quero aqui fazer uma apresentação exegética dos fatos sobre Jesus apresentados em Marcos, mas trazer para a discussão do simpósio a figura emblemática, a imagem do herói que há em Jesus, além de nele ser notório e particular o termo messiânico.

Enquanto, em Sócrates, o aspecto messiânico está em imprimir a revolução do pensar de forma rigorosa, comprometida com conceitos, levando o pensante a refletir, a partir dos conceitos, como chegar à justa medida, um outro caminho, mas não antagônico, é a proposta de Jesus. Sócrates propõe a purificação da alma pelo conhecimento, pela vida contemplativa, pela teoria. O caminho da proposta de Jesus é o caminho da convocação à prática.

Em um pouco mais que três milênios, os líderes carismáticos Sócrates e Jesus são mencionados, comentados. Os comentadores, os mais diversos; os comentários vão desde uma perspectiva séria, compromissada em entender esses dois líderes, até perspectivas

descompromissadas, delirantes. Entre uma perspectiva e outra, há sempre o meio termo, por exemplo, o poema de Fernando Pessoa escrito por seu heterônimo Alberto Caeiro:

“... Um dia em que Deus estava a dormir
E o Espírito Santo andava a voar,
Ele foi à caixa dos milagres e roubou três.
Com o primeiro fez que ninguém soubesse que ele tinha fugido.
Com o segundo criou-se eternamente humano e menino.
Com o terceiro criou um Cristo eternamente na cruz
E deixou-o pregado na cruz que há no céu
E serve de modelo às outras.
Depois fugiu para o Sol
E desceu pelo primeiro raio que apanhou.
Hoje vive na minha aldeia comigo...”

(Alberto Caeiro – poema VIII de O Guardador de Rebanhos)

Nesse poema, percebemos que Alberto Caeiro apresenta alguns aspectos de Jesus a partir de uma molecagem do Espírito Santo, o roubo da caixa dos milagres. Jesus se fez três: foge; torna-se eternamente humano e menino; torna-se Cristo, eternamente na cruz. Alberto Caeiro, de forma poética e sintética, apresenta Jesus.

O evangelista Marcos, de forma mais extensa que Caeiro, mas mais resumida que os outros evangelistas, apresenta Jesus também em três aspectos:

- Jesus e o ciclo de milagres;
- Jesus e o ciclo das parábolas;
- Jesus e o ciclo da perseguição.

A manifestação messiânica de Sócrates, além de se dar pela palavra, se dá pela pergunta, o contrário ocorre na manifestação de Jesus. O ciclo de manifestação messiânica de Jesus, através dos milagres, não se dá pela palavra, mas com pouca ou quase nenhuma

palavra. O primeiro milagre foi a retirada de um demônio impuro de alguém, que estava na sinagoga em um dia de sábado. Esse milagre deve ser entendido à luz do contexto da época a partir de uma análise sociológica. Assim, podemos entender bem o porquê de aparecer a figura do demônio em contraste com a figura messiânica de Jesus.

Os discípulos de Sócrates solicitam a ele a clareza sobre entendimento das coisas. Os que se aproximam de Jesus solicitam as coisas. Pedro solicita a Cura para sua sogra, Jesus toca nela, Ele a tomou pela mão e a fez levantar. Ela ficou curada. Levam um homem paraplégico até Jesus, Ele vê sua fé e diz “Filho, os teus pecados estão perdoados”. O homem anda.

Sobre o homem da mão atrofiada, Jesus pede para que o homem “estenda a mão”. Ele a estendeu, e sua mão estava curada. A cura ocorreu no sábado em uma sinagoga. O cego de Jericó, Jesus o tomou-o pela mão, levou-o para fora do povoado, cuspiu nos olhos e impôs as mãos, depois perguntou: “percebes alguma coisa?”; ele disse: “vejo as pessoas como se fossem árvores andando”. Estas são algumas das curas apresentadas no Evangelho de Marcos. Lembrando do poema de Caeiro, parece que, nos milagres, Jesus foge ao encontro do desespero humano para salvá-lo.

O ciclo das parábolas é o lugar explícito das palavras de Jesus. De forma pedagógica, Jesus transmite a sua mensagem. A primeira delas, no Evangelho de Marcos, é a parábola do semeador. Nessa parábola, Jesus proporciona a seus ouvintes refletirem sobre a palavra como metáfora da semente, como também, refletirem sobre os terrenos: beira do caminho, terreno pedregoso, terreno com espinhos e terra boa, lugares onde a palavra metaforicamente poderá germinar. O aspecto de Jesus curador e o aspecto de Jesus pedagogo se mesclam, tornando-o, como apresenta Caeiro, eternamente humano e menino.

O ciclo da perseguição coloca Jesus na encruzilhada da traição de Judas, da negação de Pedro e do julgamento romano. O julgamento romano não tinha a intenção de condenar Jesus, mas o chefe do sacerdócio incitava o povo para que o crucificasse. O julgamento de

Sócrates tinha acusação, mas não tinha lei para julgar o caso; mesmo com seus argumentos, houve a condenação à morte. O julgamento de Jesus não tinha acusação explícita, apenas a

pergunta se Jesus era o rei dos Judeus. Jesus não argumentou e também foi condenado à morte, eternamente na cruz. Mas como disse Caeiro, Jesus fugiu para o sol e desceu no primeiro raio que apanhou. A tradição cristã apresentou o mesmo em outra palavra, disse que Jesus ressuscitou.

Os dois líderes carismáticos, os dois heróis, os dois profetas, são representantes de movimentos messiânicos. Sócrates ensina que a salvação da alma se dá em saber o que é que as coisas são. A salvação da Alma para Jesus se dá em conhecer o reino de Deus, que, metaforicamente, é o reino da aproximação com o outro, da partilha, da justiça.

Os dois mobilizaram multidões, mobilizaram seus discípulos a encontrar e percorrer novos caminhos. Algo bem diferente é o que diz a música de Adriana Calcanhoto:

A estrada é muito comprida
O caminho é sem saída
Curvas enganam o olhar

Não posso ir mais adiante
Não posso voltar atrás
Levei toda a minha vida
Nunca saí do lugar

(Adriana Calcanhoto)

Apenas duas estrofes e com tom angustiante é “Sem saída”, o título da música de Adriana. Os movimentos messiânicos mesmo sabendo que o caminho é longo, apresentam propostas de saída, que é a proposta da esperança. Sócrates e Jesus são os novos modelos éticos de seu tempo e de todos os tempos. Sócrates, quando questionava seus acusadores ou



quando questionou seus discípulos, provocava a reflexão de um novo ethos vigente. Da mesma forma, Jesus.

Curar no sábado, ou tocar em alguém com problema físico era quebrar com o ethos vigente, ressignificar a lei. As propostas messiânicas são, assim, propostas de mudanças. Mas há quem diga o contrário, como o filósofo Olavo de Carvalho. Ele faz crítica aos modernos movimentos messiânicos. Para ele, todos os movimentos se baseiam numa inversão psicótica da percepção do tempo. Será? Finalizo por aqui, deixando vocês com essa provocação de Olavo de Carvalho.

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega* v.1. Petrópolis: Vozes. 2004.

CASSIRER, E. *Ensaio sobre o homem: Introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. Os pré-socráticos. Em: Para ler os fragmentos dos pré-socráticos Tales de Mileto. [Trad. R. R. Torres Filho]. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.